



AOS PÉS DO GRANDE MESTRE¹

Memórias de Swami Akhandananda²



Swami Akhandananda

O que é a Verdadeira Ortodoxia

Foi em Dakshineswar, durante o verão de 1883, que encontrei Sri Ramakrishna pela primeira vez. Eu tinha mais ou menos dezesseis anos de idade. Swami Advaitananda era a única pessoa que vivia com ele então, e também estava no quarto quando cheguei. O Mestre me fez sentar ao seu lado, e a primeira coisa que perguntou a mim foi, “Você já me viu antes?”

¹ Este texto é a tradução do primeiro capítulo do livro em inglês “From Holy Wanderings to Service of God in Man”, com as memórias de Swami Akhandananda.

² Swami Akhandananda (1864-1937), um Discípulo Direto de Sri Ramakrishna, foi o 3º presidente da Ordem Ramakrishna.

“Sim”, eu respondi, “Eu o vi uma vez na casa de Dinanath Bose, um discípulo de Keshab Chandra Sen, quando eu era muito novo.”

Sri Ramakrishna sorriu e virando-se para Swami Advaitananda disse, “Escute isso, Gopal! Ele diz que me encontrou uma vez na infância – esse pequeno já teve uma infância!”

O Mestre me pediu que passasse a noite lá; assim eu fiz. Como a noite estava chegando, ele me pediu para ir ao Panchavati após fazer as saudações nos templos de Kali e Vishnu. Mais tarde de noite, enquanto voltava ao quarto de Sri Ramakrishna, pude ouvir o som da música sendo tocada nos dois Nahabats, enquanto o vasto complexo reverberava com o ressoar das campainhas das cerimônias vespertinas. O quarto do Mestre estava escuro e havia um agradável odor de incenso queimando. Ele estava sentado em seu pequeno divã, quase invisível, e sem nenhuma consciência exterior. Quando, na manhã seguinte, eu estava quase partindo para Calcutta³, ele me pediu com um sorriso que retornasse no próximo sábado.

Quando vi Sri Ramakrishna pela segunda vez alguns dias mais tarde, novamente me fez passar a noite lá. Durante a noite, após o término da cerimônia vespertina, o Mestre me deu um tapete e me pediu que o estendesse no solo. Quando fiz isso, ele trouxe uma almofada e deitou-se sobre o tapete. Ele me disse, “Agora você é para mim, como um filho para sua mãe.” Então me fez sentar em uma postura confortável e me pediu que meditasse. “Não é bom se sentar encurvado para a frente nem mantendo o corpo muito reto,” ele disse.

Mais tarde o Mestre escreveu algo sobre minha língua e me deu a iniciação. Então me pediu que massageasse seus pés. Naqueles dias eu costumava praticar lutas e era muito forte. Assim que comecei a massagear suas pernas com um pouco mais de força, ele disse em voz alta, “O que está fazendo? Vai quebrar as pernas – faça isso suavemente”. Me espantei e fiquei um pouco assustado.

“Como devo massagear então?”, perguntei.

“Simplesmente passe suas mãos sobre elas, sem pressão,” respondeu. Eu fiz como instruído e percebi quão suave e delicado era seu corpo, como se seus ossos estivessem cobertos de manteiga. Depois de um tempo ele disse, “Niranjan (mais tarde Swami Niranjanananda) também fez como você, no início”.

Daquele dia em diante eu visitava Sri Ramakrishna com frequência, normalmente chegando de tarde, passando a noite e partindo na manhã seguinte. Muitos outros discípulos vinham vê-lo também, e entre estes Latu

³ Hoje Kolkata. (nota do tradutor).

(mais tarde Swami Adbhutananda) e Harish (Harish Kundu, um discípulo chefe-de-família) estavam com ele a maior parte do tempo.

Eu era extremamente ortodoxo naqueles dias e escrupulosamente observava todos os costumes Brahmins⁴ de acordo com as determinações das escrituras. Por exemplo, eu tomava quatro banhos por dia sem jamais aplicar óleo em meu corpo e assim minha pele tornou-se muito seca. E tinha o hábito de comer muitos pedaços de myrobalan (uma noz amarga) após as refeições, o que tornava meus lábios esbranquiçados. Observando isso o Mestre disse para mim, “Você é um jovem. Por que está imbuído dessas ideias de pessoas velhas? Isto não é bom”. E enquanto praticava minhas práticas Brahmins, eu fazia muitos exercícios respiratórios – de fato eu os iniciei muito antes de encontrar o Mestre. Me tornei cada vez mais interessado neles e diariamente aumentava sua quantidade, suspendendo minha respiração por tanto tempo que suava e tremia. Quando contei ao Mestre sobre isso, ele me proibiu de fazê-los novamente, dizendo que tais práticas poderiam levar a alguma doença fatal. Ele me instruiu a repetir o mantra Gayatri todos os dias, dizendo, “Repita-o quantas vezes puder”. Um outro costume ortodoxo que eu seguia era o de comer apenas uma refeição por dia e cozinhá-la eu mesmo. Ninguém conseguia me convencer a comer nem mesmo a comida sacramental oferecida ao Senhor Vishnu na casa de um Brahmin. Portanto em Dakshineswar não me atrevia a ficar para uma refeição, pois poderia ter que comer o arroz cozido sacramental do templo de Kali. Apesar de que nunca falei sobre isso com o Mestre, intuitivamente ele sabia que, se eu o deixava de forma relutante todas as manhãs, eu o fazia apenas porque evitava quebrar o voto de comer comida cozinhada por eu mesmo. Contudo, em um dia de Ekadasi, o décimo-primeiro dia da quinzena lunar [lua cheia ou lua nova], considerado muito sagrado em que se observa um jejum durante todo o dia, eu fui ao Mestre à tarde. Eu tinha estado jejuando, é claro, como fazia em todos esses dias sagrados. Ofereci a ele um melão que tinha trazido e me prosternei. Ele ficou muito satisfeito. “Você quer ir embora agora?”, perguntou. Eu disse, “Não”.

Na manhã seguinte Sri Ramakrishna me pediu que o acompanhasse ao Panchavati, onde me disse para meditar de frente para o Leste. Ele me deixou por um tempo e quando retornou endireitou a minha posição para ficar mais ereta. “Você fica um pouco curvado durante a meditação,” disse. Nós retornamos juntos ao seu quarto e ele me pediu que pegasse um balde de água e fosse com ele até a espaçosa escadaria de banhos da margem do Ganges. Eu o banhei e em seguida lhe dei roupas novas, que vestiu. Então retornamos ao seu quarto. Na parede estava um quadro de Kali do templo de Kalighat. Ele foi até

⁴ Da casta sacerdotal (nota do tradutor).

lá e pegando alguns pedaços da oferenda sacramental colocadas ali, colocou um pouco em sua boca e o resto na minha. Então, repetindo “Om Kali” várias vezes, juntou suas mãos ao seu peito e ficou ali com os olhos meio fechados por algum tempo, depois do que pegou os frutos e doces oferecidos que lhe enviavam todos os dias dos templos de Kali e Vishnu. Ele comeu um pouco destes e me deu alguns também e ambos tomamos um pouco da bebida doce preparada da fruta de bel. Em seguida sentou-se no pequeno divã e fumou.

Naquela mesma noite, depois que terminou as oferendas às Divindades nos templos, o Mestre me levou até a varanda a leste de seu quarto, que dá para o pátio e com uma vista de ambos os templos [Kali e Vishnu]. “Vá e busque arroz oferecido a Kali,” ele disse, “ele é cozido na água do Ganges e é muito sagrado. Vá e compartilhe dele.” Enquanto seguia pela varanda, eu me virei e o vi [Sri Ramakrishna] de pé me olhando para ver se estava indo para a cozinha do templo de Vishnu ou de Kali. Eu pensei comigo mesmo que o Mestre poderia ter me pedido que fosse a cozinha do templo de Vishnu também, mas ele apenas me disse para ir à cozinha de Kali, onde peixe e carne [cordeiro] eram cozidos. Eu me perguntava porque ele me disse para fazer isso. Por fim eu fui lá, mas comi apenas comida vegetariana naquela noite. Eu me lembro bem que um espesso cozido de vegetais foi uma das preparações que comi. Ao retornar da refeição, encontrei Sri Ramakrishna de pé junto a entrada da porta leste com uma folha de betel em sua mão. “Ponha em sua boca,” ele disse, dando-a para mim. “Após as refeições é saudável comer uma ou duas folhas de betel. Senão mau-cheiro se origina na boca. Você vê,” ele continua, “Naren (mais tarde Swami Vivekananda) come várias folhas de betel. Ele devora tudo que é comestível. Ele tem grandes olhos voltados para seu interior. Enquanto anda pelas ruas de Calcutta, ele vê as construções, os cavalos e carruagens, todos repletos do Senhor Narayana. Vá vê-lo. Sua casa é em Simla (uma parte de Calcutta).”

Portanto no dia seguinte eu fui ver Naren pela primeira vez. Ele vivia na casa de seu pai. Quando visitei o Mestre novamente, ele me perguntou, “Você foi ver Naren?”

“Sim,” eu respondi, e contei a ele tudo sobre meu curto encontro com Naren. “Eu vi seus olhos grandes e magnéticos,” disse. “Ele estava lendo um livro inglês tão grande quanto o dicionário Webster, - uma biografia de Buddha. Seu quarto estava sujo, mas ele parecia totalmente indiferente a isso, como se sua mente não estivesse neste mundo. O que disseste sobre ele, senhor, era verdade.”

O Mestre ficou muito satisfeito ao ouvir isso. “Mas como você poderia compreender tudo no primeiro encontro que durou um tempo curto?” disse. “Vá vê-lo frequentemente e desfrute de sua companhia.”

Naren não visitou o Mestre por um tempo longo após a morte de seu pai, apesar de que Sri Ramakrishna ansiosamente pediu que o chamassem muitas vezes. Possivelmente Naren não queria que o Mestre se preocupasse por suas dificuldades pecuniárias. Mais tarde, sempre que ia ver Sri Ramakrishna, normalmente via Naren lá e também os meninos que mais tarde foram conhecidos como Swami Brahmananda, Swami Abhedananda e Swami Saradananda.

Um dia vários devotos vieram ver o Mestre, senhores e senhoras, incluindo Yogin Ma e Gauri Ma. Quase a noite, quando eu estava para retornar a Calcutta, alguém sugeriu que eu deveria retornar a pé com um dos senhores. Mas o Mestre interveio, “Não, não”, disse. “Ele é uma criança. Como pode acompanhar aquele homem alto que anda com passos largos? Que ele vá com essas senhoras.” Assim, com Sarat (mais tarde Swami Saradananda) eu fui a Calcutta com as senhoras, em sua carruagem.

De tempos em tempos todos os tipos de dúvidas surgiam em minha mente com relação ao valor de minha ortodoxia. “O Mestre disse que a maioria de meus hábitos, tais como comer myrobalan, comer apenas comida cozida por eu mesmo, ser vegetariano, etc., era para pessoas velhas”, eu pensei. “Se isso é assim, não são necessários para mim e deveriam ser abandonados.” Portanto, com essa atitude mental fui ao Mestre um dia e comi minha refeição lá. Após seu descanso, um grupo de devotos laicos entrou em seu quarto.

“Venerado Senhor,” alguém perguntou ao Mestre, “é bom que esses meninos venham a ti para abraçar a vida monástica e desprezar completamente a vida no mundo?”

Querido senhor”, o Mestre respondeu, “você veem apenas esta vida deles, mas não as suas vidas anteriores nas quais eles passaram por estes estágios. Veja por exemplo um homem que tem quatro filhos. Um deles, tendo alcançado a juventude, diz, ‘Eu não vou massagear meu corpo com óleo, ou comerei peixe, mas comerei apenas comida vegetariana cozida por eu mesmo.’ Os pais tentam dissuadi-lo destes hábitos e o ameaçam com uma punição, mas o menino não abandona a busca pela renúncia, enquanto que os outros três filhos ficam loucos pelo desejo e trazem tudo que conseguem. Quanto mais conseguem, mais querem. Olhe para esse menino que quer renunciar antes de atingir a maturidade. Isto é devido à sua natureza Sáttvica⁵ (calma e pura).” Ouvindo isso do Mestre, minha fé dobrou em manter meus costumes ortodoxos. Apesar de que, a pedido de Sri Ramakrishna, eu comia ocasionalmente a comida do templo de Kali, e depois comia algo do templo de Vishnu, eu normalmente ia vê-lo quando a questão da comida não surgia de nenhuma forma.

⁵ Relativo ao guna Sattva (nota do tradutor).

O Mestre pedia a todos a quem amava para vir vê-lo nas terças-feiras e nos sábados. “Nesta era, o Kali Yuga,” disse, “o caminho da devoção como ensinado por Narada deve ser praticado.” Ele nos instruiu a fazer mais Japam (repetição do nome do Senhor) e meditação nas terças-feiras e nos sábados. De acordo com ele, o sábado é doce e sagrado.

Isto é de um outro dia. Eu fui até ele cedo. Após se banhar no Ganges e comer algo da comida oferecida, ele se deitou para descansar. Uma parte da varanda ao leste de seu quarto estava fechada por uma cortina de bambu para conversar e fumar. De tarde, quando alguns devotos chegaram, o Mestre levantou-se. Depois de um tempo entrei em seu quarto e o encontrei sentado em sua cama e cantando docemente a canção: “Radha, que vaga feliz por Brindavan, é nossa e nós somos dela”. Enquanto cantava, seu peito ficou ensopado com lágrimas de felicidade, e antes que terminasse mergulhou no Samadhi. Eu fiquei atônito com essa visão celestial e me sentei em silêncio. Nunca tinha visto tal fantástico fenômeno em minha vida. O resto da tarde se passou em Kirtan – canto devocional.

Deus, Seu Único Interesse

Uma peculiaridade do Mestre que notei era que ele não falava de nada além Deus e religião com todo tipo de pessoa que vinha até ele. Mas nunca era alguém seco e aborrecido. Durante as conversas sobre os mais sublimes tópicos ele nos fazia dar muitas risadas através de piadas hilariantes. Um dia ele disse, “Sabe, há vários tipos de *siddhas* (almas perfeitas). Você sabe o significado de *siddha*? Literalmente significa ‘cozido’. Como as batatas, etc., quando cozidas se tornam suaves, assim também com os homens quando se tornam perfeitos.”

Uma vez passei a noite em Dakshineswar com alguns outros discípulos e o Mestre nos fez sentar para meditar. Enquanto comungávamos, cada um com seu Ideal Escolhido, frequentemente ríamos ou chorávamos em êxtase. A felicidade pura que experimentávamos em nossos dias de juventude não podem ser expressos em palavras. Sempre que me aproximava de Sri Ramakrishna, ele invariavelmente me perguntava, “Você chora quando reza ou medita?” E um dia quando eu respondi “Sim” a esta pergunta, como ele ficou feliz! “As lágrimas de arrependimento fluem dos cantos dos olhos próximos ao nariz,” ele disse, “e as lágrimas de felicidade fluem dos cantos externos.” Subitamente o Mestre me perguntou, “Você sabe como orar?” Dizendo isso mexeu suas mãos e pés agitadamente – como uma pequena criança impaciente por sua mãe e exclamou, “Mãe querida, outorgue-me devoção e sabedoria. Eu não quero nada mais. Não posso viver sem Ti”. Enquanto assim ensinava-nos a

orar, parecia ser apenas uma criança pequena. Lágrimas copiosas caíam em seu peito e entrou em profundo Samadhi. Me pareceu que estava orando por mim.

Um dia, falando de sonhos, o Mestre disse, “Pode-se sonhar que alguém chegou e acendeu uma lâmpada, ou que algo pegou fogo, ou que está chamando a si mesmo pelo próprio nome. Todos esses sonhos são auspiciosos, especialmente o último”.

Naquela época quem quer que visitasse o Mestre era abençoado com várias visões espirituais durante a meditação. Sentando-se com os olhos meio fechados, as pessoas visualizavam seus Ideais Escolhidos e conversavam com Ele. Vendo tudo isso, os pelos de meu corpo ficam eriçados. Quase todos os íntimos discípulos de Sri Ramakrishna alcançaram os oito sinais Sâttvicos de uma forma ou de outra. Mas Swamiji era excepcionalmente reservado e nunca cedia facilmente a qualquer estado espiritual.

Houve um outro dia em Dakshineswar durante o qual vários incidentes inesquecíveis ocorreram. O Mestre me pediu que fosse com ele ao grande Ghat [escadaria], onde ele pretendia, como usualmente, tomar seu banho. Quando ele descia os degraus do Ghat, eu vi o gerente do templo sentado na beira da água, com um pé no Ganges, enquanto esfregava a sola de seu outro pé no degrau. Sri Ramakrishna desceu ao final ao norte do Ghat, até a beira da água, e nem deu um só olhar ao gerente. Começando o seu banho, o Mestre pôs seu pé na água muito cuidadosamente e desceu até a altura da cintura, colocando um pouco de água sobre sua cabeça. Esta maneira respeitosa e reverente de tomar seu banho coincidia totalmente com o que disse alguns dias antes que a água do Ganges era divina. Enquanto isso um velho Brahmin apareceu nos degraus do Ghat. Ele se parecia com um camponês. Ele foi até o gerente do templo e começou a fazer perguntas em voz alta, tais como quanto peixe ele conseguia pescar no lago do templo, quanto dinheiro recebia vendendo frutas e vegetais da horta e pomar do templo, etc. O Mestre ouviu tudo isso e olhou de lado para o velho Brahmin com desagrado. Depois de seu banho acompanhei o Mestre de volta ao seu quarto e espirrei um pouco de água do Ganges sobre sua roupa; ele então se prosternou às Divindades nos templos, retornou ao seu quarto e comeu um pouco de comida oferecida.

Ele estava sentado em seu pequeno divã fumando quando o velho Brahmin apareceu a sua porta e perguntou, “Harish está aqui?” Ao invés de responder a ele, o Mestre disse, “Bem, você é um Brahmin, e três quartos de sua vida já se passaram; agora você entrou na última parte. E mesmo assim você não pensa em seu Ideal Escolhido nem nas margens do Ganges. Que vergonha, que você deva perguntar em lugar tão sagrado sobre peixes existentes no lago, vegetais e frutas que crescem na horta e no pomar!” O Brahmin, contudo, evidentemente não estava nem um pouco arrependido, e foi embora bravo. O

Mestre me pediu que que espirrasse um pouco de água do Ganges no lugar onde o homem velho tinha ficado.

Um pouco mais tarde um mendigo apareceu e pediu algum dinheiro. O Mestre me chamou e apontando para algumas moedas, me pediu que as desse ao mendigo. Quando eu o fiz, Sri Ramakrishna disse, “Lave suas mãos com água do Ganges.” Eu lavei as mãos com a água de um grande pote de cerâmica no canto de seu quarto. Então me fez ficar de pé com ele em frente a uma das figuras da parede - aquela de Kali do templo de Kalighat, que já mencionei antes. Ele repetiu batendo as palmas, “Hari, Hari”, fazendo com que eu fizesse o mesmo. O incidente impressionou de forma indelével a minha mente com a ideia de que *dinheiro é sem valor, sujo*. Eu vaguei mais tarde por quatorze anos pelo país em minha vida como um monge sem um centavo e jamais toquei dinheiro. Essa indiferença pelo dinheiro que tenho até hoje é o resultado benigno daquele bendito incidente.

Experiências em Dakshineswar

Geralmente o Mestre viajava para Calcutta em uma carruagem de segunda-classe pertencente a uma pessoa chamada Beni Pal. Se o cocheiro chicoteava os cavalos, o Mestre se angustiava e gritava, “Ele está me batendo!” Ouvindo sobre isso, Beni Pal daquele dia em diante providenciava para o Mestre sempre seus mais fortes e rápidos cavalos que não necessitavam que se batesse neles. Uma vez Latu e eu acompanhamos o Mestre em seu caminho a Calcutta. Quando chegamos a rua Baghbazar, o Mestre pediu que o condutor parasse e se virando para mim pediu, “Você pode ir e chamar Narayan?” Narayan era um menino que visitava o Mestre de vez em quando. Assim fui procurá-lo e o trouxe até a carruagem. O Mestre perguntou a ele porque não ia a Dakshineswar por um longo tempo e o aconselhou a ir brevemente. Então nos dirigimos a casa de Viswanath Upadhyaya, embaixador no Nepal, a quem o Mestre chamava de ‘Capitão’. Todos subimos para o andar superior, onde membros da família vieram e saudaram Sri Ramakrishna, que bebeu um pouco de água gelada, que gostava muito. De lá fomos a casa de Balaram Bose e mais tarde retornamos a Dakshineswar. O Mestre dificilmente passava a noite fora de Dakshineswar, exceto talvez uma ou duas ocasiões quando ficou na casa de Balaram Bose. Uma vez Swamiji disse para mim, “O Mestre nunca comeu comida cozida em nenhum lugar exceto na casa de Balaram, pois sabia que lá a comida era pura.”

Naqueles dias, entre duzentos cinquenta a trezentos Sadhus⁶, visitantes de todos os tipos e pessoas pobres eram alimentadas ao almoço no templo de Kali, diariamente. Muitas grandes almas de todas as Ordens Religiosas costumavam visitar Dakshineswar e viver vidas isoladas naquele sagrado lugar. Durante a permanência de Sri Ramakrishna ali, o lugar vibrava com uma santa atmosfera como a do céu. Muitos grandes santos chegando ali, desfrutaram da santa companhia do Mestre e se beneficiaram de suas palavras inspiradoras. Sempre que uma pessoa assim vinha a Dakshineswar, o Mestre sempre nos mandava ir receber suas bênçãos.

Uma vez eu fui ao Mestre em companhia de um grupo de pessoas que eram não-dualistas. O líder do grupo disse a Sri Ramakrishna, “Senhor, nós trouxemos os devotos de Banares.”

“Ah, sim?” o Mestre respondeu, “então você trouxe um grupo que diz, ‘Eu sou Ele’.” Ele lhes deu as boas-vidas calorosamente e pediu que sentassem.

Uma pessoa perguntou, “Senhor, como pode Ele que é o absoluto Brahman, onipresente e impregnando todo o universo, encarnar-se como homem?”

“Veja”, o Mestre respondeu, “Ele que é o absoluto Brahman é a testemunha e está imanente em tudo. A Encarnação Divina é uma encarnação de Seu Poder. O poder se encarna em algum lugar como um quarto, em outro metade, e muito raramente de forma completa. Aquele em que o poder completo se manifesta é adorado como *Purna Brahman* como Krishna. E três quartos do Divino se manifestaram em Rama.”

A isso, um dos senhores disse, “Senhor, este corpo é a raiz de todos os males; se ele puder ser destruído, todos os problemas terminarão.”

“Os potes de argila ainda moles, quando se quebram, podem se tornar novos potes de novo,” disse o Mestre, “mas os cozidos, uma vez quebrados, não podem ser refeitos jamais. Portanto se você destruir o corpo antes de alcançar a realização do Ser, terá que renascer e sofrer consequências similares.”

“Mas Senhor, a pessoa objetou, “por que se tem tanto cuidado por esse corpo?”

O Mestre respondeu, “Aqueles que fazem o trabalho de moldar, preservam o molde com cuidado até que a imagem esteja pronta. Quando a imagem está pronta, não importa se o molde seja mantido ou descartado. Assim com este corpo. Deve-se realizar o Supremo Ser, alcançar o conhecimento do Ser. Depois disso, o corpo pode permanecer ou ir-se. Até então, o corpo deve ser cuidado.” O cavalheiro ficou em silêncio.

⁶ Monges renunciados (nota do tradutor).

Então o Mestre cantou algumas canções devocionais, suas favoritas para a Divina Mãe. Um dos cavaleiros presentes começou a derramar lágrimas. O Mestre ficou muito satisfeito de ver isso e disse, “Eles falam dessa maneira como uma panela de manteiga clarificada em um forno abrasador. Depois disso ficarão quietos.” Ao final da longa conversa, o Mestre levantou-se e todos visitamos os templos e passeamos pelo jardim. Um desses visitantes, Gadasankar, era um seguidor de Keshab Chandra Sen. O Mestre conversou com ele na varanda ao leste enquanto eu estava lá.

“Você pratica as devoções Brahmins?” o Mestre perguntou a ele.

“Eu não gosto de todos esses rituais”, ele disse.

“Sabe”, o Mestre continuou, “não abandone nada à força. Se as flores das cabaças e abóboras são retiradas, seus frutos apodrecem; mas quando os frutos estão maduros, as flores caem naturalmente. Você acredita em Deus com forma ou em Deus sem forma?”

“No aspecto sem forma.” Foi a resposta.

“Mas como você pode compreender o aspecto sem forma assim de repente?”, o Mestre perguntou. “Quando os arqueiros estão aprendendo o uso do arco e flecha, eles primeiro miram numa árvore grossa, depois em uma árvore fina, depois nas folhas e finalmente em um pássaro voando. Primeiro medite no aspecto com forma. Isso o capacitará a ver o [aspecto de Deus] sem forma com o passar do tempo.”

Uma manhã o Mestre me levou ao templo de Kali. Sempre que ia lá sozinho, eu ficava parado fora dos limites do santuário; mas nesta ocasião Sri Ramakrishna levou-me ao interior do *sanctum sanctorum*⁷, e mostrou-me a face do Senhor Shiva – que estava, é claro, deitado de costas enquanto Kali dançava sobre Ele, pois Sua face não era visível do lado de fora do santuário, de onde podia se ver apenas o topo de Sua cabeça. O Mestre disse, “Veja como o consciente Shiva está deitado inconsciente.” Eu fiquei atônito ao realmente sentir isso. Como eram potentes as palavras do Mestre! Até aquele momento eu tinha pensado que esta imagem era apenas como todas as outras imagens de Shiva que tinha visto. Sri Ramakrishna sacudiu a roupa da Mãe Kali e os ornamentos em Suas mãos e pés. Quando deixamos o templo, ele estava cambaleando como um uma pessoa embriagada. Ele foi levado ao seu quarto com dificuldade e permaneceu por algum tempo em Samadhi. Não consigo descrever os detalhes daquele dia – a felicidade que o Mestre derramou em meu coração não pode ser comunicada. Após descer do plano do Samadhi, o Mestre cantou muitas canções em estado de êxtase.

⁷ O santuário interno onde se encontra as imagens (nota do tradutor).

Uma vez escutei um grande santo, que estava vivendo em Dakshineswar, cantando um verso Hindi que significa: “Escutem, ó mortais da terra! Não há ninguém superior ou inferior na humanidade. Deus está no elefante como também na formiga.” Traduzi este verso para o Mestre, que disse, “Como pode ser assim? O poder de um elefante e de uma formiga não são os mesmos. Como Espírito eles são um só, mas como Poder são diferentes”.

Em um outro dia cheguei a Dakshineswar pela manhã e encontrei o Mestre sendo barbeado na varanda a leste de seu quarto. “Fique aqui hoje,” disse para mim. Então fiquei, e tive uma longa conversa com Kali, mais tarde Swami Abhedananda; ele tinha faltado a escola, era muito ativo, inteligente e forte. O Mestre o amava intensamente.

Alguns dias mais tarde o Mestre teve o seu braço enfaixado e imobilizado e pendia com uma tipoia presa ao pescoço. Me disseram que enquanto estava em êxtase, teve uma queda e quebrou seu braço. Mas tudo são lembranças de muito tempo atrás; eu era apenas um menino na época e como poderia me lembrar de tudo?

Na Casa de Balaram Bose

Eu tentarei agora registrar as visitas de Sri Ramakrishna à casa de Balaram Bose, nas ocasiões em que o acompanhei. Um dia haviam muitos devotos presentes, entre eles o famoso Pandit Sasadhar Tarka Chudamani. Seu rosto estava abaixado, seus olhos fixos no solo.

“Bem, aqui está uma boa reunião!” o Mestre disse a ele. “Por que você não diz algo a eles?”

“Eu falo aos ateístas,” o Pandit respondeu, “mas aqui todos são teístas. O que diria para estes devotos? Só você é digno de falar a eles.”

O Mestre então disse, “Veja, eu pensei que você era um pseudo-pandit. Mas hoje vejo que você é um aspirante espiritual.” O Pandit então derramou lágrimas de devoção ao ouvir isso. Mais tarde o Mestre participou de um Kirtan por um longo tempo em êxtase.

Um outro dia na casa de Balaram Bose, o Mestre estava rodeado de devotos. Swami Vivekananda se sentou próximo e de vez em quando o Mestre fazia uma pergunta casual a ele, tais como, “Meu menino, por que você não foi lá?”, e assim por diante. Então Swamiji cantou uma canção começando com “Minha mente, repita o nome de Rama. Repita-o diariamente com todo o coração.” O Mestre ficou encantado. Uma multidão se juntou, e ele entrou em êxtase. Vendo-o, muitos dos devotos ficaram muito comovidos; alguns choravam, outros riam, alguns meditavam e estavam muito inspirados, e outros começaram a tremer. Que cena maravilhosa! Aqueles que tinham vindo apenas

para se divertir ou para zombar diziam ao partirem, “Que maravilha! Como o Paramahansa canta docemente o nome da Mãe. Vai direto ao coração e nos inspira.”

Em um outro dia o Mestre visitou a casa durante o festival do carro. Sankirtan⁸ e dança criou uma onda de felicidade no local. O Mestre disse a nós, os jovens discípulos, brincando, “Bem, meus filhos, cantem e dançam bem. Então Balaram lhes dará Malpo (um doce Bengali)”. Portanto nós todos cantamos forte com acompanhamento musical.

Um outro dia o Mestre foi a casa de Balaram pela manhã. Ele estava sentado no pequeno quarto a direita das escadas. Havia vários devotos com ele. Me prosternei a ele e me sentei ao seu lado. A mente do Mestre naquele dia estava completamente voltada para seu interior. Ele murmurava algumas palavras e então entrou em êxtase. Naquele estado começou a falar sobre Ramlala (uma imagem do menino Rama) e descreveu como Ramlala brincava com ele, como ele (o Mestre) o banhava, o alimentava, etc. Enquanto o alimentava um dia, o Mestre disse, um pedaço de casca de fruta ficou preso em sua garganta. O Mestre disse, chorando, “Que desgraçado sou, que coloquei casca de fruta na boca de quem, Mãe Kausalya hesitava até em colocar manteiga, creme e leite condensado!” Então entrou em Samadhi e quando voltou aos seus sentidos, continuou falando sobre Ramalala, cantando suas glórias em uma voz doce. Mais tarde ficou silencioso por um tempo e então começou a falar com a Divina Mãe assim, “Bem-amada Mãe, como posso oferecer minha vida e minha mente a Ti? Tu que se tornou minha vida e minha mente.” Quando este estado passou, o Mestre fechou seu punho, e segurando-o diante dele, disse com os olhos meio fechados em um estado de intoxicação divina, “*Eu cuspo sobre a luxúria e a cobiça. Aqueles que são apegados a isso jamais terão a visão de Deus.*” Ele repetiu isso várias vezes. A cena divina que assisti naquele dia, tornou-se a fonte de inspiração de toda a minha vida – não apenas para mim, senão também para meus condiscípulos que estavam presentes.

A Estória de Manmath

Não será demais aqui relatar uma estória com relação a Manmath, um lutador experiente e famoso malfeitor, que foi, como veremos, completamente transformado ao entrar em contato com Sri Ramakrishna. Aconteceu assim: Yogin-Ma, a grande mulher devota, tinha um irmão, Hiralal, que objetava a que sua irmã visitasse Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Portanto, na ocasião em que ela convidou o Mestre para visitar sua casa pela primeira vez e eu o

⁸ Dança e canto em coro de músicas devocionais [nota do tradutor].

acompanhei, seu irmão pediu a Manmath para estar presente para expulsar o Mestre. Mas Manmath, após ver o Mestre e ouvir algumas de suas palavras, prosternou-se aos pés do Mestre e chorando disse, “Meu Senhor, eu sou muito culpado. Por favor, me perdoe. O Mestre disse a ele para ir a Dakshineswar. Eu conhecia Manmath muito bem, e ele me pediu, “Leve-me até ele. Ele bondosamente me convidou a ir lá.” Portanto, marcou-se um dia e ambos partimos juntos em uma carruagem com um pote de Rasagollas (doces Bengalis). O Mestre o tratou com muito carinho.

Eu disse a Sri Ramakrishna em frente a Manmath, “Este homem é um famoso malfeitor e todos os meninos o temem e em brigas ele é sempre o líder.”

O Mestre tocou o corpo de Manmath e disse, “Como é duro!” Ouvindo que Manmath tinha retirado seu cordão sagrado, o Mestre perguntou a ele, “Por que você não o usa?”

“Senhor, ele respondeu, “Quando estou suado, ele se prende ao meu corpo causando coceira. Por isso o tirei.”

O Mestre disse de maneira grave, “Você deve usar este símbolo Brahmin”. Então o levou ao templo de Kali e enquanto dava a volta ao templo, o abençoou em um canto solitário e pediu a ele que o visitasse no outro domingo. Uma vez mais levei Manmath para ver o Mestre – eles se encontraram apenas três vezes.

Isso é o que escutei alguns anos mais tarde de meu condiscípulo, Swami Shivananda: “Quando passei pela casa de Manmath em Baghbazar, eu o escutei repetindo ‘Mãe, Mãe!’ E sua aparência era totalmente diferente naqueles dias – seu corpo não era mais volumoso e seu cabelo era longo. Se você o visse agora, ficaria atônito.” Então em 1890 (quatro anos após o falecimento do Mestre), Manmath veio ao nosso primeiro mosteiro em Baranagar, descalço e apenas com um pedaço de pano barato envolvendo seu corpo. Ele permaneceu repetindo com as mãos juntas, “Meu bem-amado Senhor! Meu bem-amado Senhor! (Priyanath! Priyanath!)” Muitos de nós, condiscípulos, estávamos presentes, incluindo Swamiji, Ramakrishnananda, Niranjanananda, Shivananda, Advaitananda, Abhedananda e outros. Manmath sorria docemente para mim de vez em quando. Swamiji me disse, “Você foi o instrumento para que ele obtivesse a graça abundante do Mestre e de sua transformação”. Então, alguns anos mais tarde, fui com um amigo ver Manmath em sua casa. Ele estava olhando para o sol, sem piscar, sem qualquer consciência externa. Seu corpo estava magro e vestia uma roupa ocre. Ver sua divina loucura me comoveu muito. Aquele dia realizei que, o que não se obtém por duras austeridades nas montanhas e florestas, pode ser atingido facilmente em casa pela graça do Mestre. Um pouco depois disso, soube que Manmath tinha morrido de cólera.

Outras Experiências com o Mestre

Vamos retornar às minhas lembranças de Sri Ramakrishna. Um dia Swamiji, Swami Yogananda e outros fizeram um piquenique no Panchavati. O Mestre veio e se juntou às nossas brincadeiras por um tempo. Em outro dia o vi entrando frequentemente em Samadhi. Quando voltou a consciência normal, ele falou da visão de Deus e da realização do Ser, dizendo, “O aspecto favorito de Deus de alguém é seu próprio Ser. O Ideal Escolhido e o Atman são idênticos. A visão do Ideal Escolhido leva ao autoconhecimento. Em outras palavras, o conhecimento do Ser é alcançar a devoção de seu Ideal Escolhido. Ah, como era maravilhosa a atitude de Prahlad. Algumas vezes ele dizia ‘Não eu,’ mas em um outro estado ‘Eu sou Teu servidor, Ó Senhor!’. Mas haviam momentos quando sua mente se elevava até a região celestial do estado absoluto quando dizia, ‘Eu sou Ele’, e permanecia imóvel e mudo.”

Um outro dia fui a Dakshineswar. A varanda ao norte naquele tempo estava fechada e continha duas camas do lado leste e do lado oeste respectivamente. Naquela noite eu dormi em uma e Harish na outra. De madrugada, antes do sol nascer, o Mestre levantou-se e cantou ‘Om’ assim como um anjo e entrou em Samadhi. Na mesma hora, Harish começou a cantar os nomes das divindades, Durga, Siva e outras. Naquele bendito momento, no quarto do Mestre, o céu acima e o ar ao redor, estavam totalmente dominados pelo silêncio do Samadhi. Como uma fruta em minha palma, Deus tornou-se perceptível para mim dentro e fora.

Então, alguns dias depois, fui a Dakshineswar, tomei meu banho no Ganges e sentei-me no quarto do Mestre. Muitos devotos chegaram, e conversas sobre Deus se derramaram como correntes através dos lábios do Mestre. Um pouco depois do almoço, ele descansou um pouco e se deitou no pequeno divã, com sua cabeça voltada para o sul. Ele me chamou e pediu que massageasse seus pés e suas mãos. Eu pus suas pernas sobre meu colo e esfregava minhas mãos sobre elas quando ele sorrindo começou a contar-me muitas belas coisas da vida espiritual que, mais tarde comuniquei a Swami Brahmananda, que disse que também para ele o Mestre tinha dito as mesmas coisas previamente. Enquanto massageava seus pés, esfreguei seus dois dedos dos pés na minha testa, como se estivesse desenhando as marcas Vaishnavas.

O Mestre sorriu, “O que você está fazendo, meu filho?” “Por que”, Eu respondi, “você me disse que aqueles que são de natureza Sáttvica, enquanto se banham no Ganges, desenharam marcas em suas testas com suas águas sagradas, enquanto aqueles que são [de natureza] Rajásicas⁹ (ativos, de paixão, de desejo

⁹ Relativos ao guna rajas (nota do tradutor).

sensual) cobrem seus corpos com marcas de vermelhão [pigmento de forte cor vermelha] e pasta de sândalo branca e vermelha. Hoje estou pondo as marcas Sâttvicas em minha testa. O que existe na terra mais sagrado do que seus santos pés?” O mestre pareceu satisfeito e sorriu alegremente.

Outros Gurus ensinam seus discípulos a seguir um conjunto de regras e regulamentos fixos e com isso ajudam seu desenvolvimento espiritual. Mas no caso do nosso Mestre era muito diferente – foi extraordinário. Ele foi um tipo único de mestre espiritual. Ele abençoava aqueles que vinham até ele por meio de um mero toque, por um mero olhar ou por um mero desejo. Deste modo transmitia poderes espirituais, através dos quais, os recipientes adquiriam experiências espirituais. Ele queria que todos nós desfrutássemos da bem-aventurança da união com Deus. Quão ansioso ele era em elevar nossa espiritualidade dormente e despertar nossas almas para a consciência de Deus! Aos seus íntimos discípulos falava de suas iluminações espirituais e os inspirava a atingir estas realizações. Hari Om!



Este texto foi traduzido do inglês por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Santa Mãe Sri Sarada Devi.